

# METÁFORAS EM TIRAS HUMORÍSTICAS: ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO<sup>1</sup>

Arlene KOGLIN<sup>2</sup> (UFSC)  
Ana Cláudia de SOUZA<sup>3</sup> (UFSC)

**RESUMO:** Devido a diferenças lingüísticas, históricas e culturais entre as línguas fonte e alvo, as metáforas podem constituir um obstáculo à tradução. Com base em breve revisão da literatura a respeito das concepções de metáfora e os procedimentos para sua tradução, adotando a teoria descritivista de van den Broeck (1981), neste artigo analisam-se seis tiras do Garfield, publicadas em 2005 e 2006. Os resultados das análises sugerem que nem sempre os procedimentos descritos pela literatura atendem às necessidades da prática tradutória.

**ABSTRACT:** Since there are linguistic, historical and cultural differences between the source and the target language, metaphors can be a translation barrier. Based on a short review of the literature on metaphor conceptions as well as on the procedures for its translation, according to van den Broeck (1981) descriptive theory, in this paper six Garfield cartoons, published in 2005 and 2006, are analyzed. The results suggest that the procedures described by the literature not always contemplate translation practice.

## 1. Introdução

We can shape events in each other's brains with exquisite precision. I am not referring to telepathy or mind control or the other obsessions of fringe science; even in the depictions of believers these are blunt instruments compared to an ability that is uncontroversially present in every one of us. That ability is language. Simply by making noises with our mouths, we can reliably cause precise new combinations of ideas to arise in each other's minds (Pinker, 1995, p. 15).

Embora os seres humanos sejam dotados de ampla capacidade de verbalização de seus pensamentos e idéias, traduzir tais verbalizações é tarefa que exige considerável esforço cognitivo e amplo conhecimento lingüístico, histórico e cultural daqueles que se propõe fazê-lo. Tradutores, de modo geral, são desafiados no seu dia-a-dia pelas dificuldades do ato de traduzir. Na maioria das vezes, surgem impasses em razão das diferenças lingüísticas e culturais das línguas, uma vez que traduzir não implica simplesmente encontrar um equivalente lexical e transpô-lo da língua fonte para a língua alvo. Devido à indissociabilidade entre o elemento lingüístico, o cultural e também o histórico, a tradução de metáforas é um dos desafios enfrentados pelos tradutores. A metáfora somente será compreensível e, conseqüentemente, passível de tradução interlingüística, se os contextos culturais fonte e alvo forem levados em consideração.

Conforme afirma Schäffner (2004, p.1254), “o fenômeno da metáfora freqüentemente tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos da tradução”. Tal preocupação pode tornar-se ainda mais freqüente quando as metáforas aparecem em tiras humorísticas, uma vez que as tiras possuem características específicas como, por exemplo, a concisão, a presença da linguagem visual e um propósito não apenas informativo, mas sobretudo cômico. E é no aspecto da comicidade que os tradutores, talvez, encontrem seus maiores desafios, pois nem sempre a tradução literal provocará o riso na língua alvo, conduzindo à perda do objetivo principal deste gênero textual.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma nova versão, teórica e textualmente revisada, atualizada e aprimorada, do artigo publicado por Arlene Koglin, na Revista *Scientia Traductionis*, n.3, 2006, Florianópolis/SC, disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. A maior parte das alterações são de responsabilidade da segunda autora.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail para contato: arlenekoglin@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Lingüística e Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail para contato: anacs3@yahoo.com.br

Considerando as particularidades da tradução deste gênero discursivo, pretende-se investigar, neste estudo, os procedimentos utilizados na tradução das metáforas presentes em exemplos de tiras do *Garfield*, com base no modelo descritivista de van den Broeck (1981). Além disso, na tentativa de ilustrar os desafios lingüísticos e culturais mencionados, discutem-se as soluções propostas pelo tradutor das tiras selecionadas.

Neste breve ensaio, são analisadas seis tiras, publicadas nos anos de 2005 e 2006, no site [www.tirinhas.com](http://www.tirinhas.com). A tradução do inglês para o português foi realizada por Marcelo Toscani Brandão.

## 2. A metáfora e a tradução: o que a literatura tem a dizer

A metáfora, como figura de linguagem, foi considerada, durante longo período, um recurso dissociado da linguagem cotidiana. Seu emprego revelava intenções retóricas, lapso na competência lingüística, figura de estilo. Somente a partir da década de 70, a metáfora passou a ser vista como um meio de pensamento e concepção do mundo que nos cerca, uma forma de adquirir e transmitir conhecimento (Gibbs, 1994; Grimm-Cabral, 1994; Lakoff & Johnson, 1980).

Segundo a concepção atual, que teve entre os seus mais proeminentes precursores Lakoff e Johnson (1980) e cuja perspectiva será adotada nesse trabalho, argumenta-se que a metáfora está presente em nosso cotidiano, seja na linguagem, nos pensamentos ou nas ações. De acordo com Souza (2004, p.51), “Além de constituir nosso sistema conceitual, ela [a metáfora] é usada deliberadamente como ferramenta no ensino, na literatura, como técnica persuasiva de comunicação e *marketing*, assim como também como base para teorização científica”. Acresce-se a estes empregos, o uso da metáfora como meio de produção do cômico.

Em termos estruturais, a metáfora é composta, fundamentalmente, por dois termos: o tópico e o veículo. O primeiro se refere àquilo de que falamos, enquanto o segundo diz respeito ao termo da afirmativa a partir do qual a analogia é criada. Assim, propriedades do veículo são atribuídas ao tópico com base nas dimensões do próprio tópico, de modo que o elemento-tópico passe a ser incluído na categoria do veículo (Glucksberg, 1998). A título de exemplificação, podemos examinar a seguinte asserção: *Esta cidade é um cemitério*. Neste caso, tentativamente, atribuem-se a *esta cidade* as propriedades relevantes de cemitério conforme as próprias dimensões conhecidas da cidade, ou seja, mapeiam-se propriedades como: silêncio, pouco movimento, baixa atratividade e monotonia, de modo tal que *esta cidade* seja compreendida a partir destes traços, comuns a cemitério.

Considerando que o uso metafórico é coerente com a cultura em que ele está inserido, um determinado conceito metafórico em uma dada cultura pode existir ou não existir em outra cultura. Lakoff e Johnson (2002, p.22) defendem que as metáforas regem nossos pensamentos e ações, principalmente quando falamos de abstrações e emoções. Dessa forma, os valores de cada cultura poderão alterar os conceitos metafóricos e, conseqüentemente, as expressões lingüísticas geradas a partir do uso da metáfora poderão ter diferentes significações em culturas diversas. Este é um dos desafios centrais ao tradutor de tiras, já que ele será o responsável pela transposição adequada de valores, a fim de apresentar uma tradução que não só faça sentido ao leitor, mas também provoque o riso.

Schäffner (2004, p. 1255) evidencia que a “metáfora, tradicionalmente, tem sido descrita como um fenômeno lingüístico individual (expressão metafórica) que pode tornar-se um problema de tradução”. Isso poderá ocorrer em decorrência da não equivalência de valores e fatos históricos entre a língua fonte e a língua alvo. Uma única metáfora conceitual poderá ter valores diferentes, às vezes, até opostos nas duas línguas envolvidas no processo de tradução.

Em relação a este aspecto, Lakoff e Johnson (2002, p.74) afirmam que “nem todas as culturas dão a prioridade que damos à orientação para cima – para baixo”, como por exemplo em *Estou me sentindo para cima hoje* ou *Estou meio para baixo hoje*. Nestes casos, em nossa cultura, *para cima* envolve uma situação de felicidade e bem estar e *para baixo* uma situação de infelicidade e baixo astral. Segundo estes estudiosos, “há aquelas em que “equilíbrio” e “centralidade” desempenham um papel bem mais importante do que aquele que exercem em nossa cultura” (Id. Ibid.). Assim, um tradutor, ao encontrar a expressão metafórica *Estou me sentido para baixo*, teria que conhecer o valor cultural subjacente tanto no texto fonte quanto no texto alvo. Este procedimento envolve muito mais do que simplesmente possuir conhecimento lingüístico. Há ainda que se considerarem os casos em que a imagem metafórica presente na língua fonte não existe na língua alvo.

Diante destes aspectos, a traduzibilidade das metáforas torna-se motivo de preocupação entre tradutores e estudiosos da tradução em geral. Na tentativa de superar os desafios mencionados, “diversos procedimentos de tradução foram sugeridos como soluções alternativas ao ideal de reprodução intacta da metáfora” (Schäffner, 2004, p.1256).

Para a análise realizada neste estudo, serão adotadas as possibilidades de tradução sugeridas por van den Broeck (1981), abaixo apresentadas e descritas:

- **Tradução 'stricto sensu'**: transferir o tópico e o veículo da língua fonte para o texto alvo. Exemplo: Em *I am feeling up today* é possível fazer a tradução literal por *Estou me sentindo para cima hoje*, sem afetar a compreensão, supondo que, em ambas as línguas, haja o mesmo valor metafórico.
- **Substituição**: substituir o veículo da língua fonte por um veículo que tenha um teor parecido na língua alvo. Exemplo: Na expressão *Paddle your own canoe*, a tradução literal seria *Reme sua própria canoa*. Assim, o leitor da língua portuguesa poderia não entender o seu sentido, que, em nossa cultura muito freqüentemente é expresso por meio de expressões como *Ande com suas próprias pernas*, isto é, seja autônomo.
- **Paráfrase**: traduzir a metáfora da língua fonte por uma expressão não metafórica na língua alvo. Exemplo: Para a expressão metafórica *couch potato*, que é empregada em referência a pessoas que gastam muito tempo sentadas ou deitadas, usualmente assistindo à televisão, não teríamos possibilidade de tradução *stricto sensu*, uma vez que, em português, *batata de sofá* seria considerada uma expressão sem sentido. Também não seria tarefa fácil encontrar expressão metafórica que pudesse substituir *couch potato*, em português. Nesse caso, seria adequado e necessário parafrasear a expressão, de modo a explicar seu sentido, distanciando naturalmente o texto alvo do texto fonte em termos de expressão lingüística.

Enfatiza-se que van den Broeck (1981) desenvolveu uma teoria descritivista, que se propõe explicar e descrever soluções identificadas e não prescrever como as metáforas deveriam ser traduzidas.

### 3. Análise dos procedimentos de tradução das metáforas em tiras do Garfield

Em contato eletrônico com o tradutor das tiras do Garfield selecionadas para estudo, Marcelo Toscani Brandão, obtivemos a informação de que ele realiza as traduções desde 12 de agosto de 2004 e as publica no site [www.tirinhas.com](http://www.tirinhas.com). No início de sua atividade tradutória, ele mesmo selecionava as tiras a serem traduzidas, sem seguir padrão algum e as postava no site. Como o interesse dos leitores aumentou com o passar do tempo, Brandão passou a incluir sete tiras no site todos os domingos e, inclusive, tratou de iniciar a tradução de outras tiras como *Hackles*, que aborda estereótipos das pessoas que trabalham com informática, e *Userfriendly*, uma tira diária cujo humor é centrado em piadas sobre tecnologia com humor *nerd*. Ambas são publicadas na internet.

Um fato curioso que cabe observar é que, segundo Brandão, ele não realiza as traduções como profissão nem possui remuneração, ele traduz apenas como atividade de passatempo, uma vez que aprecia muito a leitura deste gênero textual. Outro aspecto a destacar é que ele não tem formação em tradução. De acordo com as informações que nos foram fornecidas, Brandão concluiu o curso de inglês no CCAA de Ribeirão Preto e continuou aperfeiçoando seu conhecimento lingüístico por conta própria. A língua inglesa faz parte de sua rotina, pois está cursando Ciência da Computação, área que exige bastante contato com este idioma.

Ao analisar as opções de Brandão na tradução das metáforas, observamos que houve predominância da primeira possibilidade sugerida por van den Broeck (1981): a tradução *stricto sensu*, conforme podemos notar na seguinte tira, publicada no dia 15 de junho de 2005:





Podemos dizer que o tradutor conservou totalmente a expressão metafórica relacionada a aniversários e parece que, através deste procedimento, não houve nenhum comprometimento na compreensão do produto final e na manutenção da comicidade do original, pois, tanto na cultura do texto fonte como na cultura do texto alvo, há a mesma sensação de apavoramento diante do avanço da idade. Conforme afirma Graça (2003), é o contexto cultural que nos permite avaliar e reproduzir a forma e os vários graus do humor.

O procedimento *stricto sensu* também foi utilizado na tira a seguir, publicada em 8 de maio de 2005.



Similarmente ao exemplo anterior, a decisão tradutória parece ter sido eficaz em termos de compreensão e de geração de humor, devido à coerência metafórica do enunciado nas duas culturas envolvidas. Tanto na língua fonte quanto na língua alvo, as metáforas *Dinheiro não compra felicidade* e *Você aluga?*, utilizadas pelo personagem Jon, revelam sua atitude em relação a um aspecto da vida cotidiana - a felicidade -, que é entendida conceitualmente de maneira similar pelos leitores de ambas línguas. Assim, a opção do tradutor de manter a metáfora e traduzi-la literalmente pode ser considerada bem sucedida, já que a tradução não causa estranhamento no receptor nem descaracteriza o efeito cômico da tira.

Já na próxima tira, publicada em 14 de outubro de 2005, cujo procedimento tradutório também foi o *stricto sensu*, a metáfora traduzida *Você me odeia com todas as fibras do seu corpo?* pode ser discutida a partir de duas perspectivas: a frequência de uso na língua alvo e a sua função para a criação de humor. Vejamos o exemplo:

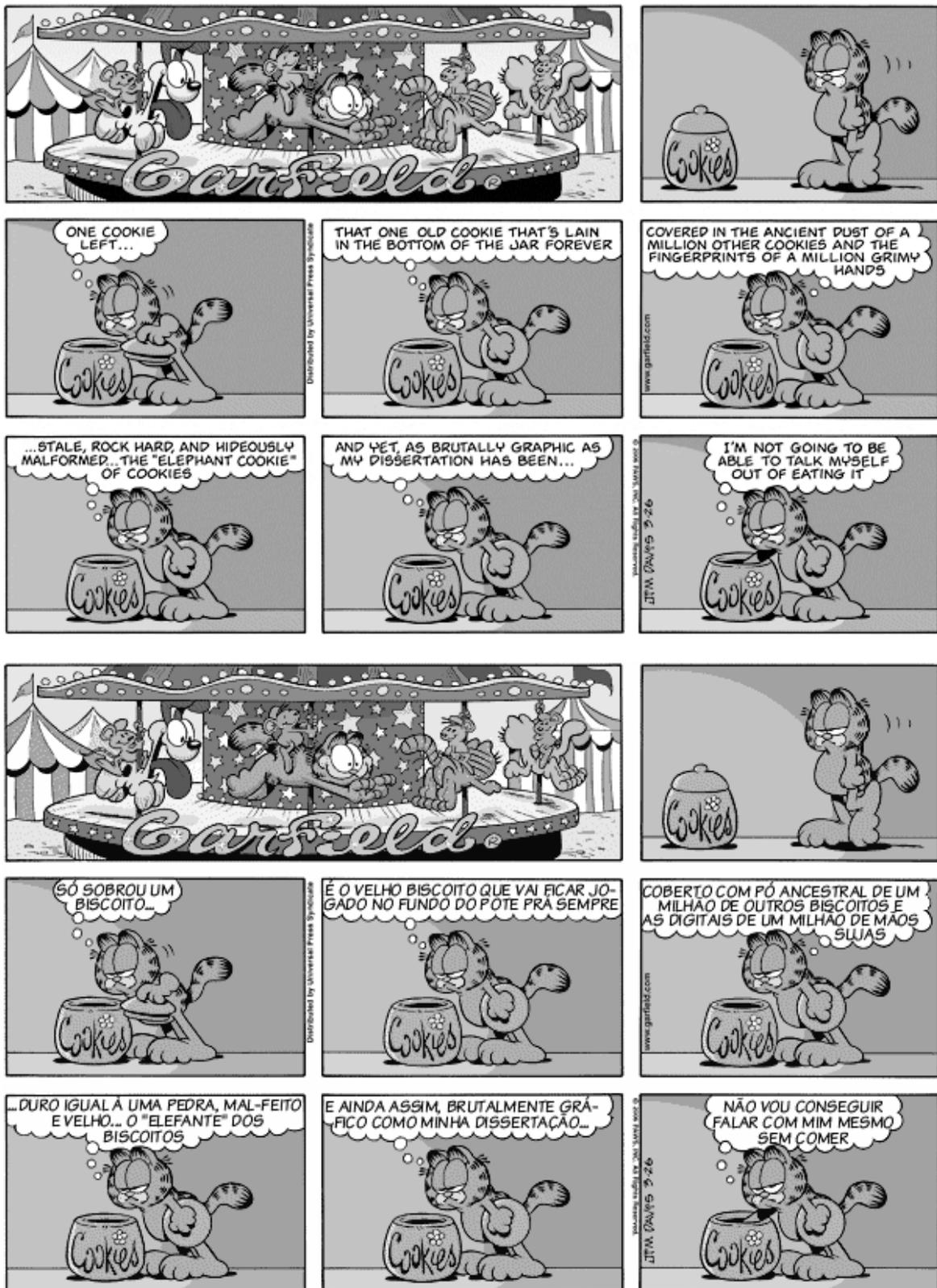


Se analisada sob o ponto de vista da frequência de uso na língua alvo, a tradução *Você me odeia com todas as fibras do seu corpo* pode causar um certo estranhamento ao leitor, embora seja possível compreendê-la dentro do contexto. Na língua fonte, a expressão linguística metafórica *hate with every fiber of you being* já está dicionarizada, o que demonstra a sua ampla abrangência. Porém, na língua alvo, o próprio veículo da metáfora (*fibra*) pode não ser adequadamente compreendido pelo leitor, devido ao seu caráter polissêmico, inclusive metafórico, como no caso de *Ela é uma mulher de fibra*.

Por outro lado, a opção pela tradução *stricto sensu* da metáfora em questão pode ser justificada se observada sob a perspectiva da comicidade. Caso o tradutor optasse por uma paráfrase, por exemplo, ficaria mais difícil fazer o jogo de palavras da fala final, responsável pelo caráter humorístico da tira. Como as duas falas aparecem necessariamente interligadas, não é de se estranhar que o tradutor tenha priorizado o procedimento *stricto sensu*. Além disso, existe a possibilidade de que os leitores mais atentos eliminem o caráter polissêmico do veículo *fibra* com o auxílio de outros itens lexicais do mesmo texto, como: *todas* e *corpo*. Embora o significado da palavra *fibra* enquanto parte constituinte do músculo corporal possa não ser conhecido por todos os leitores de modo a criar o sentido metafórico, é possível inferir, pelo menos, uma aproximação semântica em razão do vocábulo *corpo*.

Dessa forma, em virtude da manutenção do jogo de palavras, acredita-se que a estratégia adotada pelo tradutor contribuiu para o propósito humorístico da tira, visto que a escolha de um ou outro tipo de tradução, inevitavelmente, influencia o efeito que o texto traduzido terá sobre os leitores (Nord, 2001).

Também na tira abaixo, publicada em 26 de março de 2006, o tradutor seguiu o procedimento *stricto sensu* - exceto na segunda sentença, em que foi empregado o procedimento de substituição. Diferentemente das situações anteriores, talvez a tradução *stricto sensu* não tenha sido a melhor opção para algumas das expressões metafóricas aqui presentes. Observemos a tira:



De modo geral, a tradução preservou o sentido e a comicidade do texto fonte. No entanto, após uma leitura mais minuciosa deste exemplo, podemos observar que a aplicação do procedimento *stricto sensu* não parece ter sido eficaz em todos os casos. Por exemplo, a expressão “the ‘Elephant’ Cookie of cookies” traduzida por “o ‘Elefante’ dos biscoitos” não é freqüente na cultura alvo e, por isso, pode ocasionar a incompreensão por parte do leitor, fato que, por sua vez, afeta a finalidade do gênero textual, que é o riso. Por esse motivo, é fundamental que o tradutor tenha consciência da possibilidade dos efeitos de uma incompatibilidade cultural de sentidos. “Essa percepção só ocorre se o tradutor tiver presente, na reflexão

sobre e na realização do seu trabalho, o horizonte de valores culturais que emoldura as situações de comunicação [...]” (Azenha: 1999, p.67).

Nos dados analisados, encontraram-se apenas duas ocorrências de substituição e nenhuma paráfrase. Um dos exemplos de substituição, em destaque na tira a seguir, publicada em 05 de setembro de 2005, parece ter sido uma opção bem sucedida do tradutor.



Ao analisarmos o contexto, observamos que o tradutor talvez tenha utilizado a estratégia de substituição em razão do uso mais corrente da expressão *Você deve ser a oferta da casa* na língua alvo. Este

é um dos casos em que é necessário adaptar o texto para que se encaixe na cultura alvo. Quando o tradutor utiliza esse procedimento, ele precisa avaliar se o efeito produzido pelo emprego do termo na língua e na cultura fonte coincide com o efeito produzido pelo termo na língua e cultura alvo (Azenha, 1999).

Além disso, é importante notar que, em uma das tiras, publicada em 27 de janeiro de 2006, o tradutor utilizou-se de uma estratégia que não se enquadra nos procedimentos utilizados para esta análise e que merece especial destaque.



Neste caso, não havia quaisquer indícios de metáfora na frase da língua fonte - *I am not worthy of you* - e, ao traduzi-la, Brandão optou pela inserção de uma expressão metafórica - *É muita areia pro meu caminhão* - ao invés da tradução literal ou *stricto sensu* *Eu não te mereço*. Podemos considerar bem sucedida esta opção, uma vez que, na cultura da língua alvo, a tradução *stricto sensu* não é tão usual em uma situação informal de paquera e, como ressalta Vázquez-Ayora (1977, p.319), com a tradução literal poderia haver perdas dos indícios necessários para a compreensão extralingüística. Parece, também, que a opção pela expressão metafórica causa mais riso contribuindo, portanto, para o efeito cômico da tira.

#### 4. Comentários finais

No que concerne à tradução de metáforas especificamente, é fundamental considerar que se trata de atividade complexa, implicando não somente conhecimentos lingüísticos, mas históricos e culturais das línguas envolvidas.

O procedimento *stricto sensu*, muitas vezes adotado para a manutenção do traço cômico das tiras humorísticas, por si só não soluciona as dificuldades tradutórias deste gênero textual, embora seja altamente produtivo se considerarmos uma característica inerente às tiras, qual seja, a concisão. Conforme aponta Peñamarin (1998), as tiras são sintéticas, expressivas e breves, por serem muito retóricas. Em razão de tais características, torna-se ainda mais desafiador produzir o mesmo efeito humorístico e semântico na língua alvo.

Nas tiras analisadas neste trabalho, o emprego da estratégia de tradução *stricto sensu* não parece ter afetado a comicidade nem prejudicado a compreensão do leitor, pois a maioria dos conceitos metafóricos presentes está relacionada a idéias e valores universais e atemporais. Em razão disso, torna-se possível a apreensão do sentido pelos leitores da língua fonte, mesmo com a tradução literal, independentemente do período histórico em que a leitura das tiras é realizada.

Identificou-se também um caso, no último exemplo discutido, no qual o tradutor priorizou a cultura alvo, considerando que “a compreensão [...] não depende somente do conhecimento do leitor, mas dos princípios que regem a comunicação” (Vázquez-Ayora, 1977, p.323).

Embora as teorias não apresentem – nem busquem apresentar - soluções absolutas para todas as dificuldades de tradução, a descrição e o estudo da tradução, especialmente de metáforas, promovem reflexão sobre nossas tomadas de decisão e sobre como aprimorá-las enquanto pesquisadores e tradutores, principalmente quando a tradução é permeada por especificidades culturais que desafiam esta prática.

## 5. Referências bibliográficas

AZENHA, J.J. *Tradução técnica e condicionantes culturais*. São Paulo: Humanitas, 1999.

GIBBS, R.W. *The poetics of mind: figurative thought language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 120 – 207.

GLUCKSBERG, S. (1998). Understanding metaphors. *Current Directions in Psychological Science*, v. 7, p.39-43, 1998.

GRAÇA, A. Cultura e tradução: o contexto cultural como categoria translatória. *Nova*, 2003. Não paginado. Disponível em < [http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/Pubs/P\\_Aires\\_Graca\\_14\\_Jan\\_2003.asp](http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/Pubs/P_Aires_Graca_14_Jan_2003.asp)> Acesso em: 20 abr. 2006.

GRIMM-CABRAL, L. *The role of metaphor in informative texts*. 1994. 181f. Tese (Doutorado em Letras opção Língua Inglesa e Linguística aplicada) - Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LAKOFF G. & JOHNSON M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002.

NORD, C. *Translating as a purposeful activity*. Manchester, UK & Northampton MA: St. Jerome, 2001.

PEÑAMARIN, C. Polemic Images: Metaphor and Index in the Language of Political cartoons. *Quaderni di studi semiotici*, nº 80/81, 1998. Não paginado.

PINKER, S. *The language instinct: how the mind creates language*. New York: Haper Perennial, 1995.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of pragmatics*, v. 36, p. 1253-1269, 2004. Disponível em <[www.elsevier.com/locate/pragmatics](http://www.elsevier.com/locate/pragmatics)> Acesso em: 20 jun. 2006.

SOUZA, A.C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traductología: curso básico de traducción*. Washington: Georgetown University Press, 1977. 682548311